

ASSOCIAÇÃO DE EDUCADORES ESPÍRITAS
DO PARANÁ

NEY LOBO

A
IMPORTÂNCIA
DO EDUCADOR
ESPÍRITA
(MONOGRAFIA)

Material Editado pela Associação de
Educadores Espíritas do Paraná.

Curitiba-Paraná-Brasil 30/10/2004

Curitiba, 30 de Outubro de 2004

Curitiba – Paraná – Brasil

“A IMPORTÂNCIA DO EDUCADOR ESPÍRITA”

ESQUEMA DE DESENVOLVIMENTO TEMÁTICO (13 temas)

1º PONTO – AS TRÊS PERSONALIDADES PEDAGÓGICAS DO MESTRE ESPÍRITA (a importância dessas suas três personalidades).

.....Página 05

- 1º Tema: A personalidade de professor espírita (orientada para o conhecimento científico, literário, artístico e religioso dos educandos).

.....Página 05

- 2º Tema: A personalidade de educador espírita (orientada para o comportamento social, moral, cívico e espiritual dos educandos).

.....Página 09

- 3º Tema: A personalidade mista de mestre espírita (a um só tempo, de professor e de educador espírita).

.....Página 11

2º PONTO – AS QUATRO ÁREAS DE ATUAÇÃO DO MESTRE ESPÍRITA (a importância da ilimitada extensão de seus domínios de atuação).

.....Página 14

- 4º Tema: A área restrita ao movimento educacional espírita. O que abrange as três principais agências educativas específicas: as escolas, os centros e os lares espíritas.

.....Página 14

- 5º Tema: A área ampla de todo o movimento espírita como um todo, todas as suas entidades institucionais.

.....Página 18

- 6º Tema: O amplíssimo território ocupado pelos sistemas escolares não-espíritas, públicos e privados.

.....Página 20

- 7º Tema: Todo o espaço extrafísico do Plano Espiritual, morada dos Espíritos desencarnados.

.....Página 23

3º PONTO – AS TRÊS VIVÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO MESTRE ESPÍRITA (a importância da rica vivência psicológica, moral e espiritual do educador espírita).

.....Página 26

- 8º Tema: A vivência apática, insossa e morna do mestre espírita não-educador pontilhada pela inapetência pedagógica e insensibilidade educativa.

.....Página 26

- 9º Tema: A vivência do interesse subalterno, exclusivamente profissional, quase sindical. (Esta vivência não desenha a imagem do educador espírita; é a contrafação dela).

.....Página 27

- 10º Tema: A vivência emocional, vibrante, entusiástica, missionária, do verdadeiro educador espírita. (Esta é a única vivência do delineamento psicológico do verdadeiro educador espírita).

.....Página 28

4º PONTO – OS TRÊS CONCEITOS DO TERMO

“IMPORTÂNCIA” DO EDUCADOR ESPÍRITA (a importância propriamente dita do educador espírita).

.....Página 33

- 11º Tema: O conceito de valor e de mérito pessoal do educador espírita quer natural, quer adquirido.

.....Página 33

- 12º Tema: O conceito de autoridade moral profissional e doutrinária do educador espírita (junto a seus educandos e diante dos pais e da comunidade a que serve).

.....Página 34

- 13º Tema: O conceito de prestígio, influência e liderança da qual possa gozar o educador espírita, tanto no movimento espírita quanto junto a seus educandos.

.....Página 39

ANEXOS:

- O Amor Pedagógico (Dora Incontri).....Página 44

- Prece do Educador (Dora Incontri).....Página 47

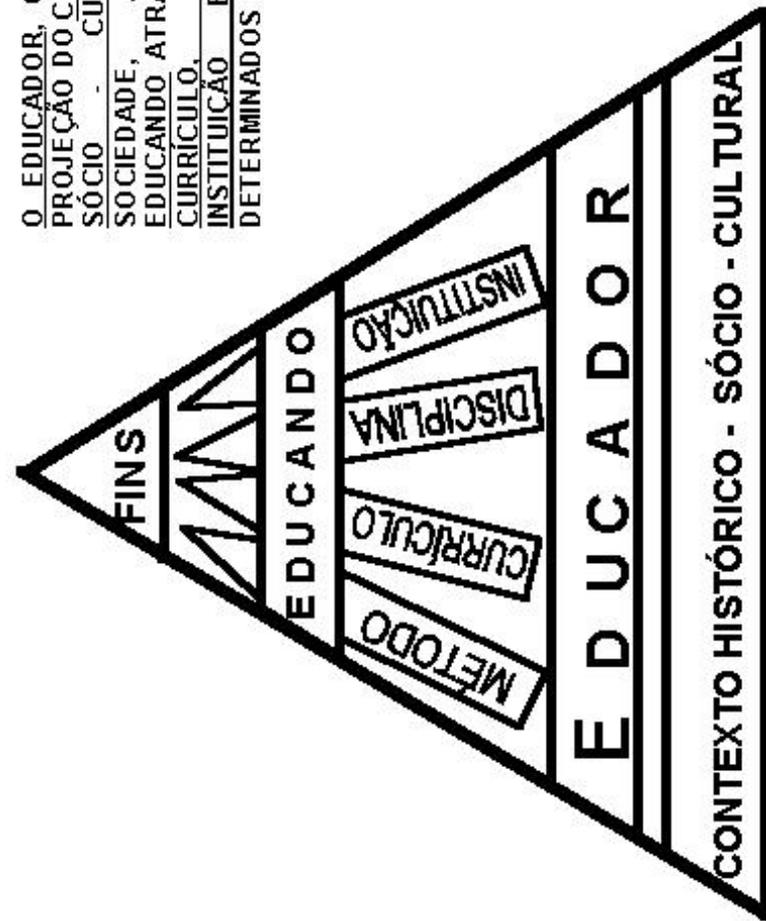
- Requisitos do Educador (Dora Incontri).....Página 48

- Se...(Aos Educadores Espíritas (Ney Lobo).....Página 50

- Posfácio (Ney Lobo).....Página 53

- Oração da Mestra (Gabriela Mistral).....Página 59

- Testamento Pedagógico (Ney Lobo).....Página 60



O EDUCADOR, COMO EXPRESSÃO E PROJEÇÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO - SÓCIO - CULTURAL DE UMA SOCIEDADE, ATUA SOBRE O EDUCANDO ATRAVÉS DE UM MÉTODO CURRÍCULO, DISCIPLINA E INSTITUIÇÃO ESCOLAR, VISANDO DETERMINADOS FINS EDUCACIONAIS.

DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO EDUCADOR ESPÍRITA

1º PONTO – AS TRÊS PERSONALIDADES PEDAGÓGICAS DO MESTRE ESPÍRITA (a importância dessas suas três personalidades).

1º TEMA: A PERSONALIDADE DE MESTRE ESPÍRITA COMO PROFESSOR (orientada para o conhecimento científico, literário, artístico e religioso dos educandos).

1 – É aquele mestre espírita embalado pela justa, ponderada, sadia e animosa curiosidade pelas revelações das quatro formas acima indicadas. E no seu empenho pedagógico em motivar e conduzir os seus educandos na captação segura e proveitosa desses conhecimentos, por eles mesmos conquistados.

2 – RESPONSABILIDADES DOUTRINÁRIAS DO PROFESSOR ESPÍRITA.

– PRIMEIRA RESPONSABILIDADE DOUTRINÁRIA (no campo do conhecimento): o relacionamento dos conhecimentos com tópicos da Doutrina Espírita; ou seja, a elucidação do Sentido Pedagógico-Espiritualizante dos elementos do conhecimento.

- Para isso, esse professor mantém em seu mister e estudos preparatórios de suas atividades a permanente

disposição pedagógica do relacionamento, quase sempre possível, dos tópicos de sua disciplina com os elementos da ciência e religião espíritas. Essa capacidade a ser irrecusavelmente desenvolvida pelo professor espírita é um dos elementos fundamentais da inteligência do professor.

- E pode encontrar muitos exemplos deste relacionamento na vasta literatura espírita disponível, e, principalmente, nas obras mediúnicas de ANDRÉ LUIZ/F.C. XAVIER e de EMMANUEL/F.C. XAVIER.

- Mas já temos disponibilizado aos professores um catálogo exemplificativo de algumas dessas conexões nos diversos campos do conhecimento, procurando-se em cada elemento o seu Sentido Pedagógico-Espiritualizante, em seis domínios do saber humano indicados;

- No campo da matéria (que é o meio que serve ao espírito), as disciplinas Física, Química, Matemática, Geografia Física, geologia, Mineralogia e Cosmologia;

- No campo da vida (a vida do espírito), as disciplinas Biologia, Ecologia, Geografia Humana, História, Estudo e Prática da Cidadania;

- No campo do corpo físico (o abrigo e instrumento do espírito encarnado), as disciplinas Educação Física, esportes, Saúde e Higiene, biologia humana, Educação Sexual.

- No campo da expressão (a manifestação do espírito), a Linguagem, a Literatura, a Educação Artística e a Filosofia;

- No campo do Espírito (O espírito em si mesmo), a Educação específica do espírito em seus componentes Educação Espiritual, Educação do Sentimento, Educação Moral e Educação Religiosa.

(Todo o exposto e acima proposto acha-se na obra “Filosofia Espírita da Educação”, 3º volume, páginas 153 a 201).

– SEGUNDA RESPONSABILIDADE DOUTRINÁRIA (no campo da intercomunicação entre os dois planos de vida, que podemos chamar de medianidade pedagógica, pela qual o mestre espírita exerce o papel de mediador em quatro sentidos:

- Primeiro Sentido: como mestre-mediador. Elo entre dois mundos, o espiritual e o terreno, ligando os dois pólos da mesma pátria bidimensional; comunicador nos dois sentidos dos influxos espirituais e educativos; cidadão dos dois planos de vida, e de cuja comunhão de idéias e valores participa; delegado-missionário na Terra do mundo espiritual, e por ele assim ungido; precursor aqui dos Espíritos de lá prestes a reencarnar.

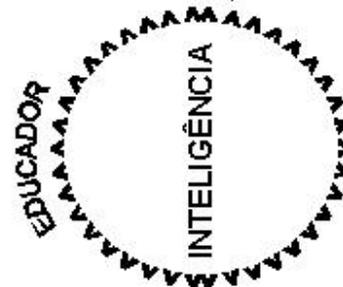
- Segundo Sentido: como mestre-mediador. Estabelecendo, no plano terreno, a mediação entre o espírito da geração mais antiga com seus próprios valores que se põem e os ideais da geração mais nova (renascente) que se opõem; participe simultâneo e harmônico do espírito de duas épocas e de duas gerações consecutivas — estranho e árduo

SISTEMA INTEGRADO E DINÂMICO DAS QUALIDADES DO EDUCADOR ESPÍRITA

RELATIVAS AO:

ESTÁGIO FORMATIVO
DO EDUCADOR
(QUALIDADES SUBJETIVAS)

QUALIDADE
PRIMORDIAL
(ORIGEM)

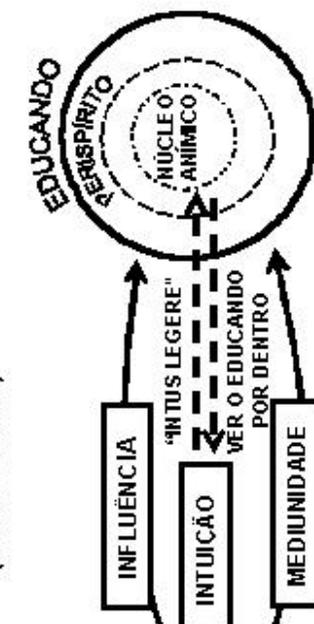


QUALIDADES
SUBSTANTIVAS
(CONTEÚDOS)

RELATIVAS AO:

ESTÁGIO OPERATIVO DO EDUCANDO
E FORMATIVO DO EDUCANDO
(QUALIDADES OBJETIVAS)

QUALIDADES
INSTRUMENTAIS
(CONTINENTES)



QUALIDADES INTERMEDIÁRIAS
(PEDAGOGICAMENTE DERIVADAS)

QUALIDADES VEICULARES
(PORTADORA DE VALORES)
(PEDAGOGICAMENTE TERMINAIS)

carisma — tornando os jovens receptivos às conquistas culturais dos antigos, sem bloquear o afloramento dos novos valores. Essa posição crítica de mediação consagra a grandeza e relevância da missão do mestre espírita, com todo o seu trágico destino do rasgar da própria alma para reparti-la por duas gerações de Espíritos encarnados.

- Terceiro Sentido: como mestre-mediador. Intermediário entre o perispírito e o consciente do educando: a. promovendo a tomada de consciência, de parte do educando, de sua própria natureza espiritual e pluriexistencial; b. induzindo nele a conscientização das perfeições espirituais já conquistadas em vidas pregressas, a se tornarem operativas, e das imperfeições a serem mitigadas, depois de assumidas pelo educando, e reconduzidas do passado anímico à nova existência terrena.

- Quarto Sentido: como mestre-mediador de si mesmo em relação a seus educandos, porque se utiliza de seus poderes anímicos orientados no sentido e em favor dos educandos, dinamizando, energizando suas ações docentes, elevando-as a um alto potencial pedagógico-espiritual.

2º TEMA – A PERSONALIDADE DE MESTRE ESPÍRITA COMO EDUCADOR (orientada para o comportamento social, moral, cívico e espiritual dos educandos).

– Eis agora o que se impõe: a elevação do pedestal para encimar e manter no seu topo o símbolo humano representativo

do educador espírita, cingindo a coroa de louros de sua personalidade sem par de educador.

– Nesta qualificação tão invulgar do educador espírita só os santos e os grandes heróis se lhe ombreiam. Nenhuma profissão, mister, ocupação ou missão lhe fazem sombra. Mas a alternância do educador espírita a todas elas sombreia.

– Se o médico restabelece a saúde do corpo físico de seus pacientes, o educador espírita assiste ao desabrochar da alma de seus educandos. Alma essa que sobrevive ao perecimento do corpo. Por isso, de um certo modo, a arte e ciência do médico é efêmera, pois a enfermidade sempre acaba por vencer e destruir o corpo. Diferentemente, a arte e ciência do educador espírita gozam de uma vitória sem fim no seu objeto, a alma do educando, que se estende a todo o futuro na eternidade da imortalidade e felicidade imperecíveis.

– Se o sacerdote encaminha as almas aos páramos celestes e felizes, é na qualidade de educador religioso que pode garantir essa ascensão, já que “*extra educationem nulla salus*” (fora da educação não há salvação). Se desprovido desse carisma de educador, o sacerdote pena o descaminho dos crentes.

– Se o estadista visa ao bem-estar dos povos e nações, só conseguirá o seu intento no árduo ofício de educá-los, servindo-se de uma multidão de educadores pelo bom estadista constituídos e preparados.

– Essa congeminção (dualidade) de duas personalidades pedagógicas numa só pessoa deveria ser muito mais freqüente do que as singularidades do exclusivamente professor, ou do apenas educador, os quais, na realidade, são raros.

– A concomitância educação/instrução já era sinalizada pelo educador e pedagogo russo LÉON TOLSTOI. O qual pontificava: “Instrução e educação são inseparáveis. Não se podem formar caracteres sem transmitir conhecimentos; todo conhecimento age num sentido formador”.

– Todavia, de nossa parte, reconhecemos que se trata de uma questão de predominância: na instrução predomina a informação do conhecimento, digamos com um peso de 80% a 90%, com 20 a 10% de educação e formação; inversamente, na educação prepondera a formação do caráter com peso de 80 a 90% e 20 a 10% de instrução/conhecimento.

– Esses dois aspectos, o informativo e o formativo, que todas as disciplinas apresentam com preponderância de um ou de outro, mantêm segundo a Doutrina Espírita, uma permanente interação. O influxo inteligência-moral é recíproco: se a inteligência engendra a moral, a moral também pode incrementar a inteligência; o progresso moral decorre do progresso intelectual, embora não imediatamente (LE-Q.780, 780a).

– Mas acontece amiúde que educar é muito mais laborioso, demorado e até interminável, além de profundo e

árduo, do que simplesmente instruir, o que leva muitos professores e a maioria das escolas a descurar do contrapeso de educar..

– Para o mestre espírita, ao mesmo tempo, professor e educador, tal comportamento alienante, conformista e comodista seria uma aberração, a alienação de sua condição moral, espiritual e religiosa de espírita.

_____ // _____

2º PONTO – AS QUATRO ÁREAS DE ATUAÇÃO DO MESTRE ESPÍRITA (a importância da ilimitada extensão de seus domínios de atuação).

4º TEMA – A ÁREA RESTRITA AO MOVIMENTO EDUCACIONAL ESPÍRITA (o que abrange as três principais agências educativas específicas: as escolas, os centros e os lares espíritas).

– Essas três agências, acima arroladas, são os principais endereços às quais se ordena a atuação preferencial dos educadores espíritas e na qualidade específica de educadores, ou seja, como indutores do enriquecimento espiritual das almas de seus educandos.

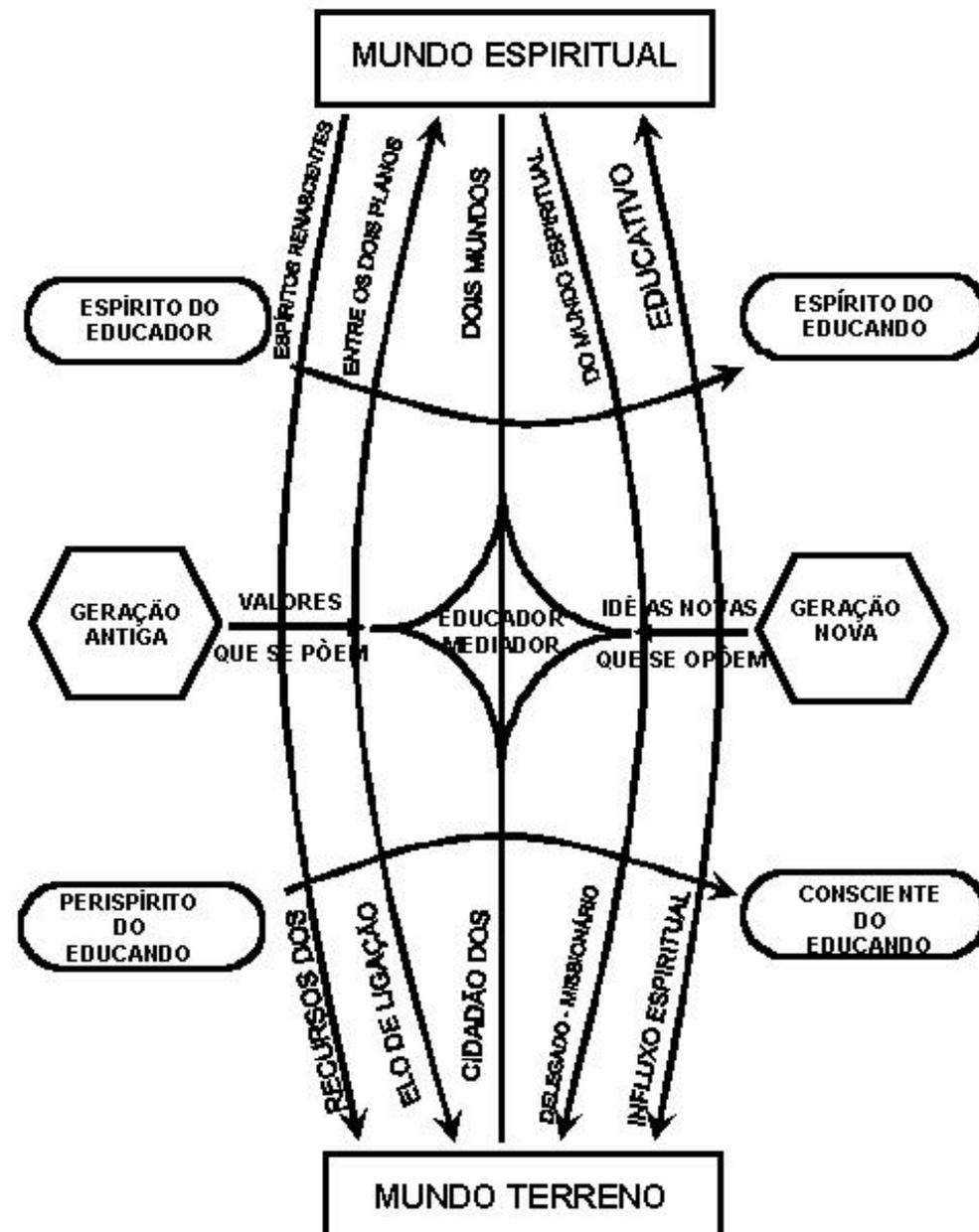
• NOS LARES ESPÍRITAS. Os pais são os educadores naturais, cuja missão tão sublime lhes é facilitada

pela autoridade natural de que dispõem sobre os filhos. Mas retemperada pelo amor à prole, conseqüente da concepção e criação dos seus rebentos. Mas não se forram os genitores do dever indeclinável do estudo e hábil aplicação nessa educação doméstica da arte e ciência de alguns rudimentos da didática e pedagogia da Educação Moral. É essa a recomendação do pedagogo ALLAN KARDEC: “Talvez um dia também será imposta a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos (da Educação Moral), como se impõe ao advogado a de conhecer o Direito” (Revista Espírita” – 1864 – pág.40).

Os pais, para se tornarem realmente educadores, não podem se limitar a transmitir o conhecimento da Doutrina Espírita, mas sim, nela fundamentados, promoverem pedagogicamente o desenvolvimento espiritual de seus filhos, dominando as técnicas didáticas correspondentes e já divulgadas da Pedagogia da Espiritualidade.

- NOS CENTROS ESPÍRITAS. As atividades educativas nos centros espíritas, de uns tempos para cá, já tomaram tal desenvolvimento que agora já podem dar um grande salto de qualidade, o salto pedagógico. Para o que terão que prestigiar os seus trabalhadores versados em pedagogia espírita em cursos universitários oficiais, ou oficiosamente, em grupos de estudos pedagógicos criados no próprio centro espírita. É indispensável que as diretorias dos centros dêem autoridade profissional a esses educadores assim qualificados como orientadores pedagógicos de todas as atividades educativas do

A MULTIMEDIANIDADE DO EDUCADOR



centro e não limitados apenas à evangelização das crianças, algumas vezes tão simplórias.

- O centro espírita será uma escola, ou não será jamais um centro espírita. Mas entenda-se bem: o centro espírita será e deverá ser uma escola bidimensional de formação espiritual, quando agraciado pelo Alto com a carta de licenciatura pedagógica plena, averbada nos registros do Plano Educativo Divino. O que pode começar com o prestígio efetivo dos educadores, sem o que o centro não passará de uma paróquia igreja.

- NAS ESCOLAS ESPÍRITAS. Essas escolas, quando verdadeiramente espíritas, são o pouso natural, não o repouso, o remanso profissional, dos educadores espíritas. Onde deverão eles encontrar as condições gerais e técnicas para o pleno exercício de sua missão. Sem as escolas, onde esses educadores encontrarão os objetos de aplicação de sua arte e ciência, frustram-se as possibilidades do exercício pleno de seus conhecimentos profissionais e doutrinários.

- Se a escola espírita é “a escola que educa”, conforme temos que reconhecer, será, por isso mesmo, o reino dos educadores.

- A escola espírita, além de educar e instruir as crianças, adolescentes e jovens educandos, ainda é a mesma escola de formação e reciclagem pedagógica dos educadores espíritas. O que é possível mediante os grupos de estudos dos mestre-alunos submetidos aos conhecimentos teóricos e a subsequente prática nas próprias salas de trabalho.

Considere-se ainda que na escola espírita todos devem aproveitar as oportunidades eventuais para educar, quer sejam educadores formais, quer sejam funcionários e até os artífices. Todos também devem se considerar educandos, o que inclui os professores, educadores e o próprio diretor(ra), este como o educador nº 1 e o educando nº 1.

5º TEMA – A ÁREA AMPLA DE TODO O MOVIMENTO ESPÍRITA (o que inclui as entidades institucionais federativas ou mesmo independentes).

- O movimento espírita, como um todo, deveria manifestar um teor eminentemente educativo, em plena consonância com a sua matriz, cuja essência já é de natureza pedagógico-didática: a Doutrina Espírita.

- Esse requisito fundamental do movimento exige de todos os trabalhadores, dirigentes ou não, voluntários ou não, que atuem assemelhados aos educadores formais, isto é, educando também informalmente seus colegas de trabalho e seus subordinados.

- Vejamos, porém, em particular, a função do educador espírita formal diante da extensão de todo o movimento espírita em sua heterogeneidade institucional: obras de assistência social, associações de cunho profissional (médicos, juristas, militares, professores, psicólogos, divulgadores etc. espíritas), editoras, jornais e revistas, hospitais, federações, centros de estudos, etc.

- A educação é um valor magno e fator de realce, embora difuso, cobrindo toda a extensão do movimento, como deveria ser. Desponta, por isso mesmo, a importância irrecusável da figura ímpar, sem-par, do educador espírita, o técnico e especialista nesse mister, impondo-se a sua utilização pela disponível prestança que pode proporcionar a todas essas organizações. Porque todas elas, visam, em última e mais profunda instância, a par dos conhecimentos gerais, doutrinários e profissionais que administram e difundem, a ascensão de seus membros a níveis superiores de evolução espiritual. O que inclui os assistidos pelas obras sociais.

- Ao educador espírita seriam apresentadas para seu estudo questões semelhantes as seguintes. Na área assistencial: como administrar o pão-educação, o agasalho-educação, o medicamento-educação, etc. Na associação médica: como sublimar os novos conhecimentos médicos espíritas em valores auto ou heteroeducativos ordenados à evolução espiritual dos associados. Como imprimir aos textos dos artigos de jornais e revistas um cunho, não exclusivamente informativo, mas também diretamente educativo (e, não só indiretamente). Os hospitais espíritas com a assessoria técnico-pedagógico dos educadores se transformariam em escolas de saúde para seus internados enfermos.

6º TEMA – O AMPLÍSSIMO TERRITÓRIO OCUPADO PELOS SISTEMAS ESCOLARES NÃO-ESPÍRITAS (públicos e privados).

- Eis aí um surpreendente campo para o trabalho dos educadores espíritas, em qualquer uma de suas três personalidades: só como educador, apenas como professor, ou mesmo combinados num misto de professor e de educador.

- Nessas escolas, não-espíritas, e muitas até são de cunho religioso, estaria defeso ao mestre espírita divulgar matérias ou princípios exclusivos da Doutrina Espírita. Como, por exemplo, a reencarnação, a atuação dos Espíritos desencarnados sobre os encarnados, a mediunidade, a obsessão e a desobsessão, a lei de ação e reação, etc. Mas o que resta dessa decantação é riquíssimo em conteúdos tanto formadores (educativos) quanto informadores (instrutivos) sem causar qualquer constrangimento de ordem confessional ou filosófica a qualquer educando, religioso ou não.

- Por exemplo, o método escolar espírita composto por três dimensões metodológicas atividade, cooperação e individualização combinadas harmoniosamente conduzindo os educandos a ações cooperativas e individualizadas, que constrangimento religioso provocaria? Com toda certeza, nenhum. A disciplina pela reparação das faltas cometidas, o que elimina as punições, idem. O currículo centrado na educação do espírito (encarnado). Ora, todas as religiões admitem a existência do espírito e se empenham pelo seu aperfeiçoamento. Os fins da

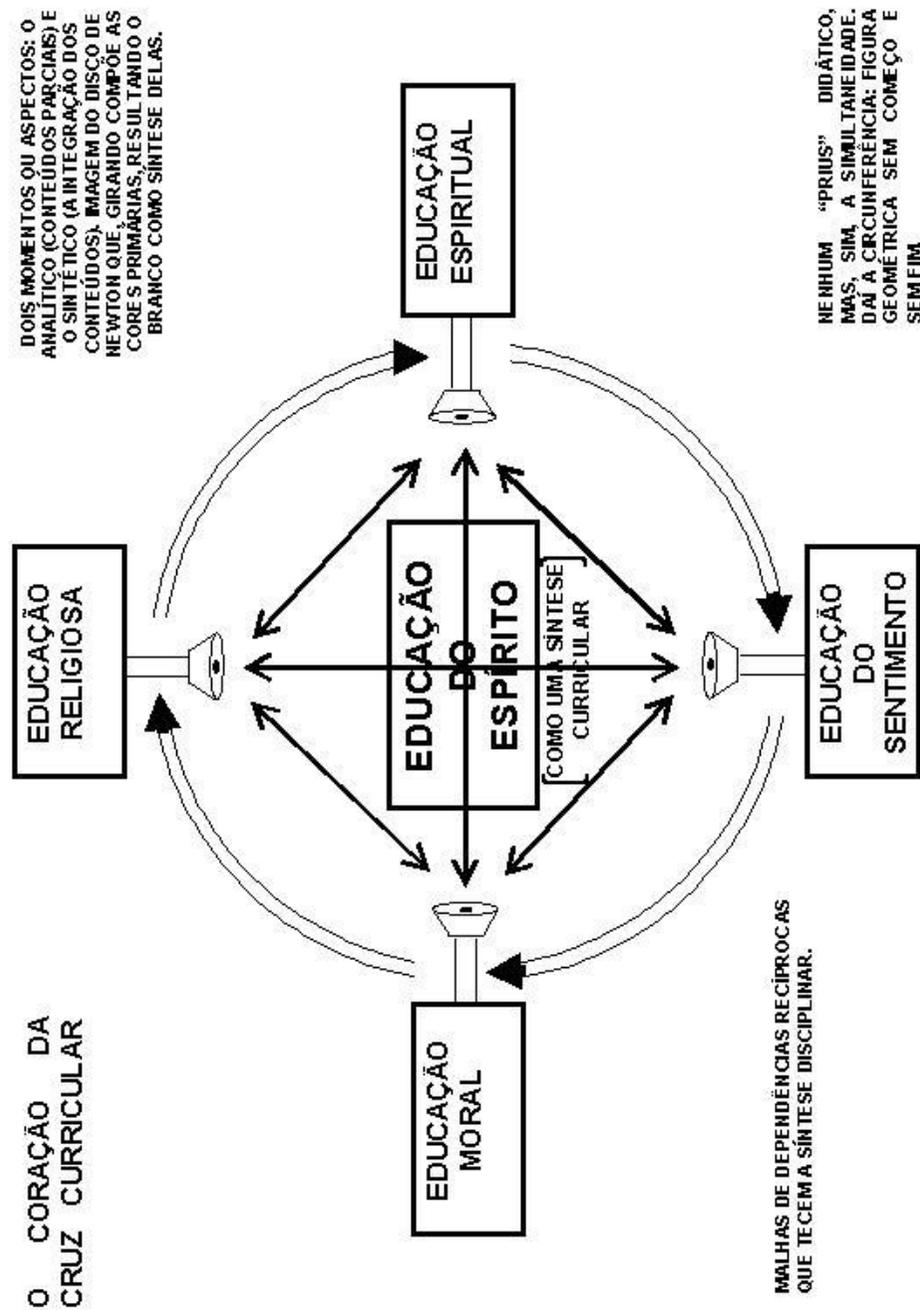
Educação Espírita, desenvolvimento da espiritualidade, o aristocrata intelecto-moral e Deus, da mesma forma, não escandalizariam os educandos nem seus genitores.

- Nos nossos contactos com escolas espíritas, temos encontrado professores espíritas que nos informam que lecionam em escolas públicas e até particulares e/ou religiosas nas quais aplicam princípios da Pedagogia Espírita sem causar constrangimentos a educandos de outras religiões.

- Recebi também informação de um confrade de Brasília de que numa universidade católica, a nossa obra “Filosofia Espírita de Educação” estava catalogada entre as 50 obras mais procuradas daquela universidade.

- O educador espírita, desde que bem formado em grupo de estudos pedagógico, espiritual e moralmente, ou em curso especial em nível superior, poderá conduzir a esses contextos escolares laicos a inestimável riqueza de sua visão espiritualista, moral e social da Educação Espírita quanto à vida, ao homem, à sociedade, à natureza e ao universo, que estamos chamando de visões cósmicas, sem qualquer sectarismo religioso.

- E ele mesmo, o educador espírita, será visto pelos seus educandos e pelos colegas de magistério da escola leiga em que trabalhe, como um exemplo vivo de responsabilidade geral e profissional, de honestidade, competência pedagógica e didática.



E ainda, de amor e dedicação extremada a seus educandos. Um espelho fiel, no qual podem seus pupilos se mirar, refletindo caridade, esperança, humildade, indulgência, justiça, honestidade, lealdade e veracidade. Enfim, todo um riquíssimo carisma espiritual e inefável, de sadia e decisiva influência pessoal altamente formativa. Tudo isso enfeixado numa vontade invencível de promover o desenvolvimento do extenso e profundo potencial espiritual dos seus discípulos.

7º TEMA – TODO O ESPAÇO EXTRAFÍSICO E HIERARQUIZADO DO PLANO ESPIRITUAL (as moradas tão diversificadas dos Espíritos desencarnados).

– Nem o Plano dos Espíritos desencarnados escapa ao alcance quase ilimitado da ação educativa dos educadores espíritas, quer como encarnados, quer como desencarnados.

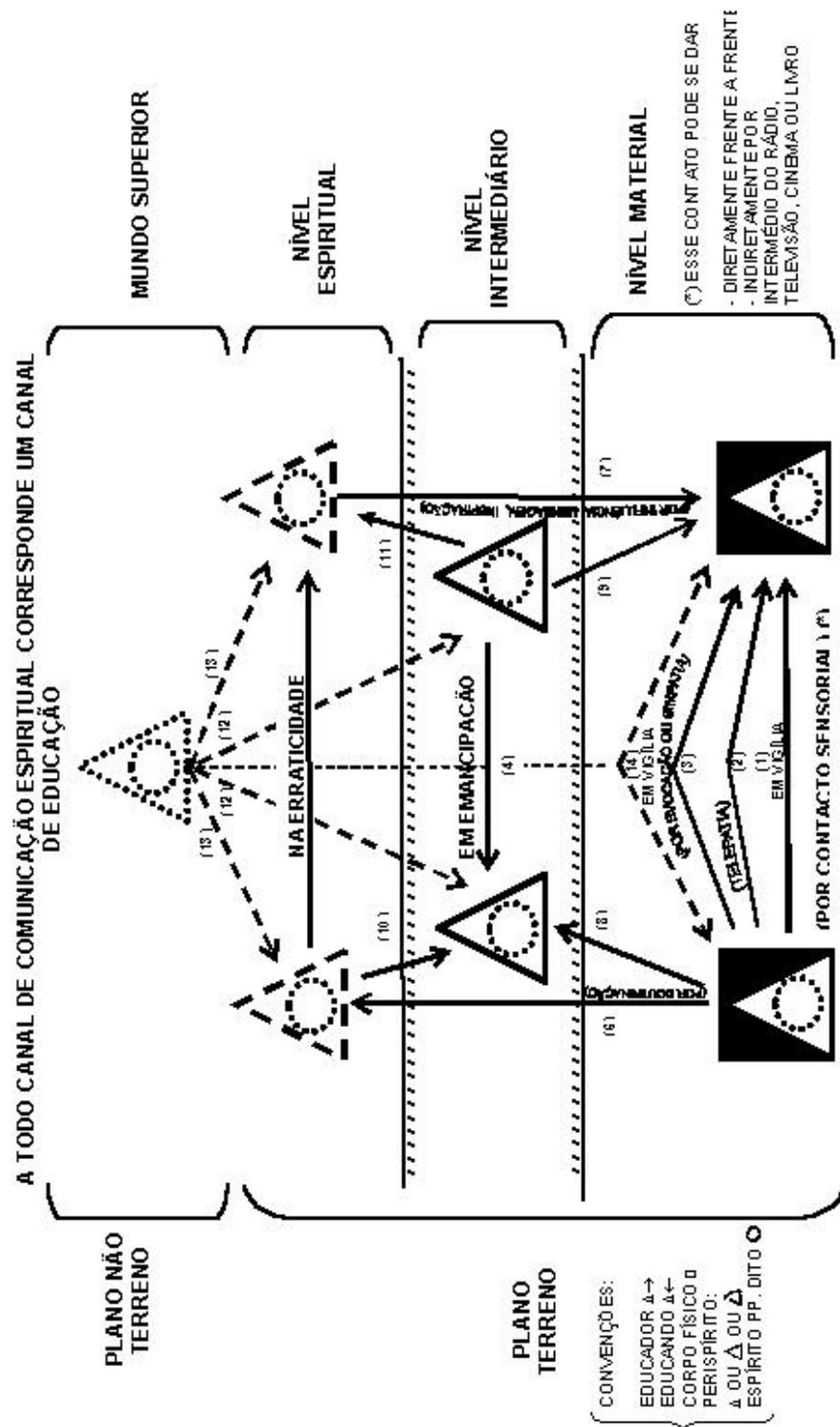
– Como educadores encarnados. Os educadores espíritas, formal ou informalmente qualificados, dispõem dos milhares de sessões espíritas semanais de doutrinação de Espíritos infelizes desencarnados, realizadas nos 8.000, ou talvez mais, centros espíritas dispersos por todo o imenso território do Brasil. Como também nas sessões especiais de desobsessão de encarnados. Anteriormente, na Associação Médico-Espírita de São Paulo, a convite de sua então presidente Dr^a. MARLENE ROSSI, defendemos em plenário a tese de que o processo de desobsessão constitui um ato educativo Espírita perfeito. Perfeito, porque não lhe falta nenhum dos oito fatores do ato

educativo: um contexto histórico-sócio-cultural, um educador (o dirigente da sessão), dois educandos (a vítima e o seu obsessor), método, currículo, disciplina, instituição educativa, (o centro espírita), visando a dois fins (a libertação da vítima e o encaminhamento espiritual do obsessor) (a). Na verdade não existe apenas um educador, e sim, uma tríade docente: o dirigente-doutrinário (no plano terreno), o médium (também neste plano), e o mentor espiritual (no plano extrafísico).

– Como educadores desencarnados. Pode o Espírito desencarnado do educador ascender ao vasto plano hierárquico dos Espíritos desencarnados, e aí continuar o seu ofício pedagógico junto a outros Espíritos de nível espiritual abaixo do nível dele. Mas também, pode ocorrer o inverso, o educador terreno e encarnado passar ao Plano Espiritual como educando dos Espíritos que lhe são superiores. É a lição de (LE-Q.888a, p.6): “Não esqueças nunca que o Espírito, qualquer que seja o grau do seu adiantamento, sua situação como reencarnado, ou na erraticidade, está sempre colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, para com o qual tem que cumprir esses mesmos deveres”.

(a). Todo esse processo está publicado em detalhes no “Boletim Médico-Espírita nº 9, de 1994, da Associação Médico-Espírita de São Paulo.

CANAIS DE EDUCAÇÃO



- A todo canal de comunicação espiritual corresponde um canal de educação.

- A expressão gráfica dessa nossa tese está adiante disposta para análise e estudo dos nossos leitores. A sua explicação encontra-se no 1º vol. Da obra “Filosofia Espírita da Educação” págs. 165 a 177, principalmente, a 2ª Conseqüência na pág. 172.

- Esse gráfico, no todo, procura representar um imenso mecanismo docente-discente, no qual o educador espírita encontra enormes, múltiplas e diversificadas oportunidades de exercer o seu múnus pedagógico. Aproveitando, no que for possível, tudo que de eficaz, construtivo, operoso e válido educacionalmente pode o educador conduzir ao Plano dos Espíritos em sua bagagem de valores pedagógicos que incorporou na Terra.

_____ // _____

3º PONTO – AS TRÊS VIVÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO MESTRE ESPÍRITA (a importância da rica vivência emocional e espiritual do educador espírita).

8º TEMA – A VIVÊNCIA APÁTICA, INSOSSA E MORNA DO MESTRE ESPÍRITA NÃO-EDUCADOR (pontilhada pela inapetência pedagógica e insensibilidade educativa).

- Esta vivência não traça o perfil reto e o caráter exigível do educador espírita. É possível, com pouca frequência aliás,

depararmos, de quando em vez, com mestres representativos desse perfil. Aparência pétrea de esfinge, rodeada da areia estéril do deserto. A fâcies esculpida no mármore frio e inexpressivo.

– Quando lhes emprestamos algum livro maravilhoso e emocionante sobre educação e pedagogia, por exemplo, sobre PESTALOZZI, uma figura tão humana, tão arrebatadora, que a todos comove e impressiona, julgamos poder vencer qualquer frialdade se lido com atenção e veneração. Mas quando nos devolvem o livro, depois de lido, o fazem com a mesma indiferença e apatia com que o receberam, em total e tumular silêncio: nenhum comentário, nem a favor nem contra. Chegam até a nos constranger, e até mudam logo de assunto, para alguma banalidade.

– O mesmo torpor e inércia emocional, que até nos desestabiliza, quando lhes damos alguma notícia alegre, alvissareira; se lhes mostramos cheios de ânimo um projeto educacional, um resultado escolar gratificante; se anunciamos o bom aproveitamento dos educandos.

– Francamente, são o oposto emocional do verdadeiro educador espírita.

9º TEMA – A VIVÊNCIA DO INTERESSE SUBALTERNO, EXCLUSIVAMENTE PROFISSIONAL, QUASE SINDICAL. (esta vivência também não desenha a imagem correta do educador espírita; é a contrafação dela).

– É condenável no educador espírita aquela preocupação exaustiva, quando “toto” absorvente, pelos aspectos materiais da profissão (salários, vantagens, gratificações, horários, etc.). A disposição de maior despreendimento do educador, é claro, que não elide o seu interesse pela justa contraprestação das obrigações trabalhistas da escola como empresa, em atenção aos direitos sociais do educador empregado.

– Todavia, essa imagem, ou o cenário, que às vezes se assiste do educador em freqüente contenda reivindicatória, em demandas infundáveis, ou em cotidianas reclamações, não edificam a imagem tão pura que fazemos do fiel educador espírita. E, se por infelicidade, contravierem essa pureza, aí não mais se encontra um educador espírita.

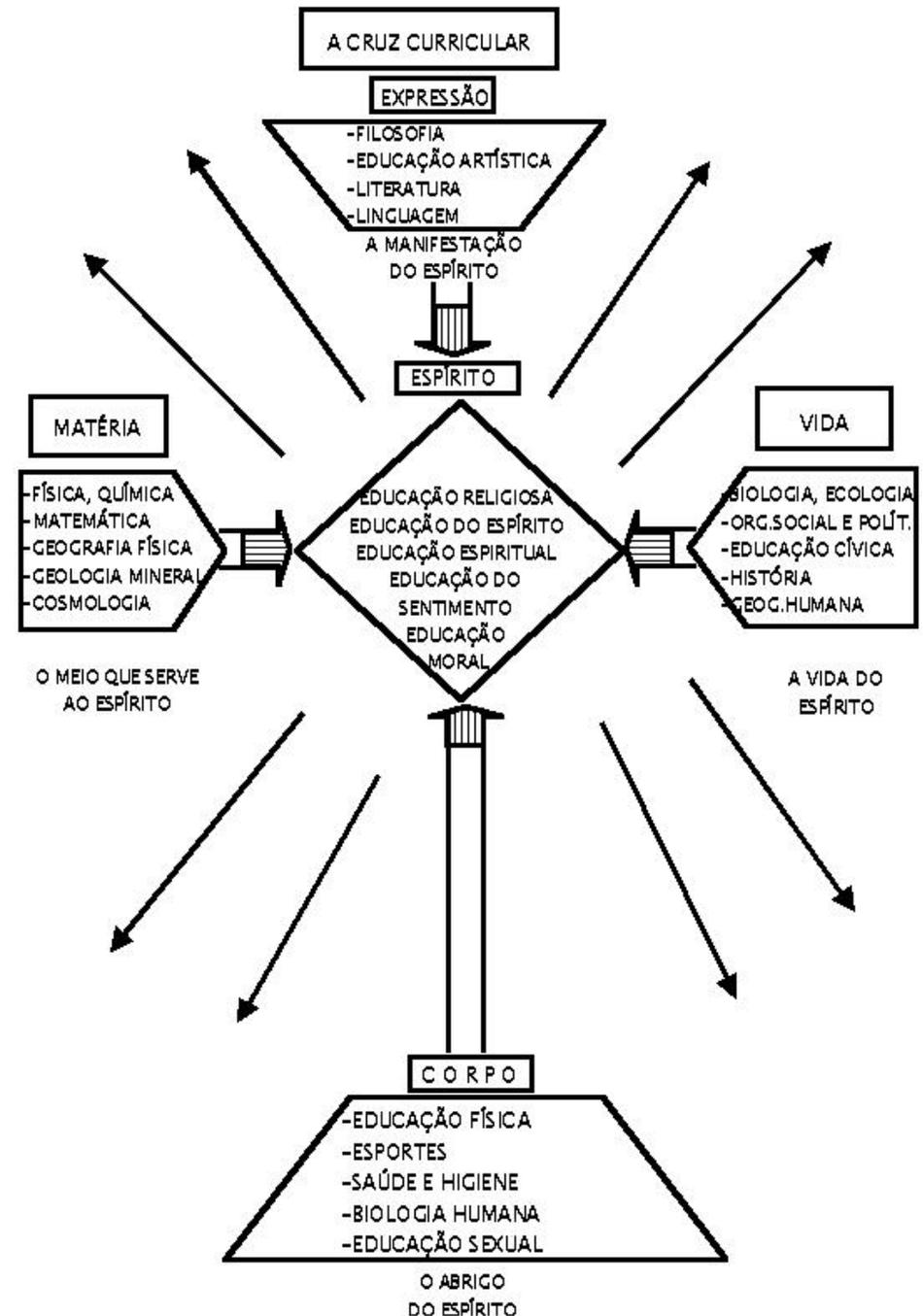
10º TEMA – A VIVÊNCIA EMOCIONAL VIVA, MAS TEMPERANTE, CONTROLADA; E TAMBÉM VIBRANTE, ENTUSIASTA, QUANDO OPORTUNA, DO EDUCADOR ESPÍRITA.

– Esta é a única vivência do delineamento psicológico do verdadeiro educador espírita. O único perfil que lhe cabe. A única personalidade que brota do mais íntimo de sua alma ardente e vigorosa.

PERFIL PSICOLÓGICO

a) ENTUSIASMO – o educador espírita entusiasma-se e vibra, alegre e satisfeito, com tudo que diga respeito à educação:

- com a leitura de livros sobre educação, pedagogia e didática; quando lhe emprestam algum livro, ao devolvê-lo, emite a sua opinião sincera, dedicada e alegre;
- com a leitura das biografias dos grandes educadores e pedagogos; e comenta com os seus colegas o que mais o impressionou e manifesta o seu entusiasmo;
- com os diálogos mantidos com seus colegas, e mesmo com outras pessoas; e quando lhe informam sobre algum fato, pede detalhes e se interessa por ele;
- com o sucesso pedagógico dos seus colegas de profissão da mesma escola, ou mesmo de outras instituições;
- com os projetos pedagógicos que lhe são apresentados por outros educadores; lê, estuda e comenta-os com interesse;
- com a verificação dos bons resultados de sua ação educativa, um júbilo ostensivo e justo;
- com o contacto educativo com os seus educandos, franco, descontraído e fagueiro;
- com o progresso pedagógico, moral e espiritual dos seus pupilos;
- com as boas notícias sobre educação que lê nos jornais e revistas comuns ou especializadas, comenta-as na escola em que trabalha;



- em contacto com os pais dos educandos manifesta toda a sua confiança na educação, enaltece-a; manifesta a sua confiança no sucesso escolar dos seus filhos.

- Cumprimenta e abraça freqüentemente os seus educandos, mostrando seus lídimos sentimentos para com eles, que lhes quer bem, que os ama.

b) REALISMO. O educador espírita, apesar de invencivelmente otimista, tempera-se com um ocasional realismo; não é, portanto, ingênuo.

- Sabe que os resultados da instrução dos conhecimentos a cargo dos professores, são, na maior freqüência, visíveis e relativamente imediatos, dentro de um certo prazo.

- Também tem consciência de que os resultados da educação propriamente dita (moralidade, comportamento, pensamento, atitudes, atos) não são, em regra, visíveis em curto e médio prazos.

- Por isso não espera efeitos imediatos, visíveis, comportamentais e morais, nos seus educandos. Para não desesperar dessa míngua de sinais exteriores imediatos.

c) OTIMISMO. Não obstante o seu realismo, o educador espírita cultiva intransigentemente o seu otimismo pedagógico e espiritual.

- Pela certeza moral de que está produzindo resultados, efeitos morais e espirituais tão profundos que não

vêm à tona imediatamente, embora ainda não manifestos, com toda a convicção.

- A segunda certeza é a de que por mais distantes que sejam os resultados, e por mais sofríveis que eles sejam, jamais poderiam prejudicar os educandos.

NORMAS

PARA O PROCESSO DE PREPARAÇÃO EMOCIONAL

– podemos listar 10 normas de conduta docente do educador espírita, que podem forrá-lo contra possíveis frustrações e decepções:

1. forrar-se às decepções, sim; decepcionar-se, nunca.
2. Ter paciência, sim; impacientar-se em tempo algum.
3. Esperar, sim; perder a esperança, nem pensar.
4. Estimular os desanimados, sim; desanimar, jamais.
5. Suportar (corretivamente) as ofensas dos educandos, sim; ofender os educandos, nunca.
6. Tolerar a franqueza às vezes rude dos educandos (corrigindo-os), sim; ser rude com eles, jamais.
7. Compreender a ignorância natural deles (reduzindo-a), sim; não vencer a ignorância própria, nem pensar.
8. Absorver as irreverências normais e infantis dos adolescentes (compreendendo-as), sim; ser irreverente com eles, em tempo algum.
9. Agüentar o mau humor dos seus discípulos (orientando-os), sim; perder o bom humor, em nenhum caso.

10. Convencer os educandos, sim; impor convicções, nunca.

_____ // _____

4º PONTO – OS TRÊS CONCEITOS DO TERMO “IMPORTÂNCIA” DO EDUCADOR ESPÍRITA (a importância propriamente dita).

11º TEMA – O CONCEITO DE VALOR E DE MÉRITO PESSOAL DO EDUCADOR ESPÍRITA (quer naturais, quer adquiridos).

– Portanto, a importância só é justa, legítima, se decorre do valor pessoal e do conseqüente mérito do educador, o qual se não tiver riqueza íntima (em sua alma), que é o valor, não terá mérito, e conseqüentemente não será importante.

VALOR

– O verdadeiro educador espírita ostenta esse valor íntimo. E esse valor íntimo compõe-se: 1. de conhecimentos pedagógicos gerais, comuns e de profundo conhecimento da Pedagogia Espírita; 2. da Filosofia Espírita da Educação; 3. da Escola Espírita como a escola que educa; 4. da Psicologia, Sociologia e Biologia Educacionais; 5. da Administração Escolar; de valores espirituais utilizáveis na educação; valores como caridade, esperança, humildade, indulgência, justiça, honestidade, lealdade e veracidade.

– No que tange ao movimento espírita, os educadores, uma vez prestigiados pelos dirigentes do movimento, poderão incutir nas atividades educacionais um influxo pedagógico altamente eficaz em benefício dos seus endereços humanos (evangelizando, alunos, grupos de estudo, assistentes, assistidos, etc). Temos observado jovens trabalhadores dos centros e federações espíritas com cursos de pedagogia e de magistério sub-aproveitados em atividades não educativas, e até como mão-de-obra.

MÉRITO

– decorre do valor pessoal do educador, como já vimos, e conseqüência dele.

– O mérito do educador se manifestaria objetivamente, dentro do movimento espírita, pela posição funcional que ocuparia de acordo com o seu valor profissional e doutrinário; pelo bom conceito de que gozaria; pelo reconhecimento objetivo de sua utilidade e relevância.

A IMPORTÂNCIA

– Desses dois fatores componentes, valor pessoal e o mérito social, decorre a importância do educador espírita dentro dos limites do movimento espírita.

12º TEMA – O CONCEITO DE AUTORIDADE MORAL PROFISSIONAL E DOUTRINÁRIA DO EDUCADOR ESPÍRITA

(junto a seus educandos e diante dos pais e da comunidade a que serve).

– O educador espírita, legítimo e prestante, estará penetrado intimamente do princípio de autoridade. Não o convencional ou exógeno, mas fundamental, de dentro para fora, em sua sabedoria e elevação moral, e, ainda, no apelo à razão do educando segundo os preceitos: “A obediência é o consentimento da razão” (EE-IX, 8), e a “subordinação não se achará comprometida, quando a autoridade for deferida à sabedoria” (LE-Q.878a). Como afirmou o filósofo JACQUES MARITAIN sentenciando: “O direito do educando exige que o educador tenha autoridade moral sobre ele”.

– O AMOR PEDAGÓGICO (o “Eros paidikos”, dos gregos, de SÓCRATES, de PESTALOZZI).

- A autoridade moral espiritual e doutrinária do educador espírita emana, porém, e principalmente, do seu amor pedagógico aos educandos (quer crianças, quer adolescentes, jovens ou mesmo adultos).

- Esse amor está centrado e sediado no imo do coração desse educador. Mas objetiva-se, irradia-se, para todas as direções e sítios onde se achem educandos necessitados do “eros paidikos”. Amor esse sustentado por uma vontade firme, vigorosa, tenaz, invicta e até titânica inundando todo o pensamento do educador na assistência ininterrupta e providente, acima de tudo o mais, ao aperfeiçoamento e evolução espiritual das almas-educandas. Cujo arremate triunfante se dá

na apoteose do Reino da Felicidade dos que assim concluíram sua educação.

– Vejamos como RENÉ HUBERT (a), se pronuncia a respeito do amor pedagógico:

- “O amor pela criança é o amor por todas as crianças, ao mesmo tempo que por cada uma delas em particular. Toda preferência notada é condenável, e o educador deve evitá-la. Os mais pobres, os mais deserdados são os que têm mais direito ao máximo de atenção e de afeto. Nova dificuldade evidentemente, o mestre se sente inclinado a manifestar certa predileção por aqueles alunos com os quais se sente mais plenamente em comunhão de idéias e de sentimentos, por aqueles que são mais dóceis à sua influência e que respondem melhor à generosidade do seu coração: assim era SÓCRATES com seus discípulos, e este é sem dúvida, o sentido que temos de dar a esse “eros paidikos”, que alguns têm colocado no centro da vocação pedagógica. Realmente, se a educação procede por uma real fusão de consciências, é mister que haja nela, algo desse sentimento(...). Pode-se dizer que o amor pedagógico pela criança é ao mesmo tempo impessoal e pessoal. Não se dirige só ao indivíduo senão ao conjunto do grupo escolar, e ainda, todo ser jovem é apto a suscitá-lo. Há nele em potência um elemento de universalidade. Sem dúvida, cada criança sabe que é amada por seu mestre, mas com o obscuro

(a). “Tratado de Pedagogia General” – Libreria El Ateneo Editorial – Buenos Aires – 3ª edição, pág. 547.

sentimento de que todas as outras crianças o são ao mesmo tempo que ela. Diferente do amor sexual, que se fixa em um ser e não quer conhecer nenhum outro, o amor pedagógico se dirige à infância em geral através de cada criança”.

– “O sentido dos valores. O amor pela criança é o ponto de partida, o sentido dos valores é o ponto de chegada da vocação pedagógica. Entre um e outro, esta vocação se desdobra. O objeto da educação consiste em fazer participar progressivamente a criança na soma de valores que constituem, em primeiro lugar, o gênero de vida e de subsistência da sociedade em que vive; em segundo lugar, seu patrimônio nacional; em terceiro lugar, o bem comum da civilização humana (....)”.

“Amar a criança, amar o ideal que concebemos intensamente para ela, querer comunicar sua chama, tais são os três elementos que constituem essencialmente a vocação de educador”.

– A VOCAÇÃO PEDAGÓGICA. “ter vocação pedagógica, é sentir-se chamado, eleito para esta tarefa, e apto para cumpri-la”.

- O amor pela criança. De onde vem esse chamado? Da criança mesmo. O amor pela criança, a necessidade de entregar-se aos seres mais fracos, mais abertos a todas as influências, mais confiança na força e na bondade do adulto, é a primeira condição para que se possa ser um bom educador”.

“O amor pela criança pressupõe a capacidade de seguir sendo jovem em si mesmo. Pois este amor deve ser positivo, concreto, direto, e não longínquo e distante (...). É exato que o amor pelas crianças é, antes de tudo, uma alegria de encontrar-se no meio delas, de participar de sua espontaneidade, de compartilhar sua jovialidade, e nas ocasiões de misturar-se com elas em seus jogos. É, sobretudo, a aptidão para compreendê-las, para captar sua maneira particular de representar todas as coisas e aos demais seres, indulgência compreensiva de proceder, capacidade de por-se ao seu alcance, de falar sua linguagem e passar a um modo que lhes seja acessível às idéias simples que se lhes vá transmitir”.

“O amor pela criança é também e, antes de tudo, o respeito pela criança pelo que há de sagrado na misteriosa ingenuidade de sua natureza que o contacto com a vida ainda não manchou. É o sentimento de tudo que tem de possibilidades latentes neste pequeno ser, rico de todo um porvir desconhecido, o desejo de assegurar um desenvolvimento tão completo quanto seja possível. Amar as crianças, é amar a soma de felicidade que levam em si. Porém, antes de pensar nesse porvir, esse amor é essa ternura confessada pela infância mesma, pelo valor humano que representa em si mesma por tudo quanto entra nela de graça, de frescor e de felicidade”.

Estes são sentimentos que não se sentem obrigatoriamente, e difíceis de se adquirir, assim como as demais manifestações da ternura. Ou se ama, ou não se ama. Por melhores que sejam as demais qualidades que possua, o homem

de coração de gelo dificilmente será um bom educador. Em suas relações com seus alunos, lhe faltará sempre esse calor comunicativo, esse instinto de generosidade que a criança descobre por intuição, e ao qual responde espontaneamente. Do mestre à criança, o dom é recíproco. Nem sequer importa quem se entrega primeiro: basta que se ouça o chamado, e é excepcional que a criança não se entregue imediatamente a qualquer um que se entregue imediatamente a ela”.

13º TEMA – O CONCEITO DE PRESTÍGIO, INFLUÊNCIA E LIDERANÇA (da qual possa gozar o educador espírita, tanto no movimento espírita quanto junto a seus educandos e respectivas famílias).

– INFLUÊNCIAS → PRESTÍGIO → LIDERANÇA.
Eis aí um sistema de causas e efeitos, iniciado na influência determinante do prestígio, o qual, por sua vez, determina a liderança. Esse sistema causal nos permite chegar a um conceito aceitável do que seja o prestígio.

– PRESTÍGIO é uma capacidade e poder individual, resultantes da influência pessoal, fundamentados numa superioridade, de qualquer natureza (social, política, cultural, moral, espiritual, ou profissional), que provoca respeito e admiração. E que pode produzir uma ascendência marcante sobre as idéias, pensamentos, crenças e ações dos outros. Cujas conseqüência final ordena-se a uma liderança ou melhor, vanguarda de pessoas, ou grupos de pessoas, para certos fins.

– PERGUNTA-SE: poderá o educador espírita ser portador fiel desse carisma, exercendo-o dentro do movimento espírita?

– RESPOSTA: presumimos e estamos muito inclinados a responder pela afirmativa – SIM – o educador espírita já está, ou estará, num futuro próximo, apto a conquistar esse poder espiritual.

Para essa avaliação observe-se bem a seguinte cadeia lógico-causal difícil de ser contestada:

- O movimento espírita no Brasil atualmente vem atingindo um certo patamar de desenvolvimento que lhe permite, neste primeiro quarto do século XXI, ensaiar um salto de qualidade de natureza pedagógica formal e concreta (intencional, programada, sistemática e fundamentada). Possibilitado esse salto por condições objetivas, e que são as seguintes:

1ª Condição objetiva – A essência (a mais fundamental) da Doutrina Espírita já é congenitamente de natureza pedagógica (educativa), para educar o homem, tendo por fim a reforma moral, social e espiritual dele. Ora, todos sabemos que “só a educação poderá reformar os homens” (LE-Q.796); e que “é pela educação mais do que pela instrução que se transformará a humanidade” (OP-p.384).

2ª Condição objetiva – O codificador da Doutrina Espírita foi um pedagogo, o Prof. RIVAIL/KARDEC.

3ª Condição objetiva – Esse pedagogo ao codificar essa Doutrina, filosófica, científica e religiosa, salientou de modo bem potente e visível o seu alto, predominante e eficaz teor e finalidade educativas.

4ª Condição objetiva – Apesar dessa vantagem pedagógica inicial, o movimento ainda não esgotou todas as suas magníficas possibilidades de educação, que ele mesmo, o movimento, pode ofertar às suas comunidades ainda carentes de educação geral e doutrinária.

5ª Condição objetiva – Além das suas agências educativas já em desenvolvimento, o lar e o centro espíritas, ainda dispõe, o movimento, de um veio pedagógico pouco explorado, mas com um potencial riquíssimo de valores morais e espirituais disponíveis. São as escolas espíritas, infelizmente ainda em pequeno número.

6ª Condição objetiva – Apesar de muito poucas, vinte a 25, essas escolas constituem uma excelente exemplificação das condições objetivas para a futura instauração de uma vasta rede de escolas espíritas, cobrindo todo o imenso território do Brasil, tão necessitado, reconheçamos de escolas espíritas – escolas que educam.

6ª Condição objetiva – Condições objetivas essas irrecusáveis, porque já estruturaram elas notáveis experiências bem sucedidas de legítima Educação Espírita.

– Nesta altura da exposição da cadeia lógico-causal da importância do educador espírita, apoiada nos pilares seqüenciais da influência -- prestígio -- vanguarda do movimento pedagógico espírita no Brasil, surge no palco a figura já bem definida do EDUCADOR ESPÍRITA, para desempenhar o seu papel profissional, pedagógico e doutrinário dentro do movimento espírita.

Para tal desdobramento evolutivo do movimento espírita, ou caberá aos educadores formais espíritos impulsionar essa movimentação pedagógica, ou os dirigentes e líderes terão que se tornar educadores formais.

O Amor Pedagógico

Dora Incontri

Falar de amor pedagógico é quase praticar um pleonasma, por que o amor, na mais alta e completa acepção do termo, é sempre educativo. Mas antes, é preciso saber que tipo de amor é esse, que pode ser empregado na educação do próximo; que tanta eficácia possui, que pode despertar a essência divina dormente no indivíduo...

É claro que se trata do amor despojado de personalismo e egoísmo.

Um grande amor que não se interessa em obter recompensas pessoais, mas procura apenas doar e passar.

Um amor que não se interessa em obter recompensas pessoais, mas procura apenas doar e passar.

Um amor em que não imiscuem desejos doentios do orgulho de se querer modelar o outro à nossa imagem.

Um amor que não se melindra e, portanto, é sempre motivo de alegria e jamais se carrega com exigências e com cobranças de impostos de gratidão.

Um amor, acima de tudo, engajado na felicidade alheia e que não mede esforços, sacrifícios e oferendas para proporcionar todas as oportunidades de crescimento espiritual do outro.

Eis aí o sentido propriamente pedagógico do amor que se sublimou: não é um amor orientado para satisfazer meramente as necessidades materiais, físicas, culturais ou mesmo psíquicas do amado. Claro que o amor bem direcionado pode e deve facilitar as condições materiais da existência e favorecer o bem-estar mental e o alimento intelectual. Porém, mais do que isso, ele deve atuar nas camadas profundas do ser, fazendo brotar o impulso divino da evolução.

O amor pedagógico é aquele que consegue acender no outro – seja o outro, filho, aluno, esposo, esposa, amigo, irmão ou a humanidade em geral – o desejo do Bem, o anseio da luz, a vontade irresistível de evoluir, o sentimento de Deus e a segurança do caminho a perseguir. Pelo amor, podemos nos tornar médiuns de Deus, na Educação da Humanidade. Mas comente se nos transfiguramos nesse amor, se nós mesmos buscamos ardentemente a luz e se trilhamos com todo o esforço as veredas do auto-aperfeiçoamento e, nesse impulso, sentimos e exalamos um entusiasmo vivo, uma energia poderosa e uma

ANEXOS

confiança plena – é que poderemos partilhar com o outro essa vibração.

Educar não é entregar um ensino acabado, transmitir uma mensagem fechada, mas acima de tudo desencadear processos de evolução, originar centelhas de entusiasmo, dividir um estado de espírito – que é o estado de espírito em atividade, em ebulição, em permanente devir, em constante busca de novos amanhãs.

Assim, é impossível amar pedagogicamente sem um trabalho intenso consigo mesmo, sem uma atenção permanente para com o nosso próprio devir existencial.

O homem que não aprendeu a ser médico de si próprio e, portanto, não conhece todos os procedimentos de higiene mental e de postura existencial para manter o corpo em equilíbrio, não saberá tratar eficazmente e com profundidade dos doentes que lhe pedem ajuda. Da mesma forma, o educador que não educa a si mesmo. Se ele não descobriu dentro de si um impulso verdadeiro, nobre e permanente, de automehoria e se ele mesmo não está constantemente em busca de aprender e construir, como poderá comunicar uma chama que não possui, como poderá abrir para o outro uma trilha que não percorre?

A marca do amor pedagógico é por isso a vitalidade, a ação, a força atuante, o ela divino se manifestando entre educador e educando. Só é de fato, pedagógico, um amor que consegue acender algum impulso novo e benéfico. Acontece muitas vezes que são algumas crianças que fornecem este estímulo aos adultos, pois o amor pedagógico independe de idade, profissão, condição social ou grau de instrução. De maneira mais ampla, amor pedagógico é todo amor que nos dá algum empurrão sadio para rumos mais altos.

Obviamente tudo o que foi descrito como amor pedagógico se opõe terminantemente à acomodação, à mesmice, à rotina vazia do cotidiano sempre igual... Qualquer processo de educação de auto-educação é processo de mudança a cada minuto. Não se trata de instabilidade emocional, tão própria dos espíritos ainda em desequilíbrio. Ao contrário, a configuração interna de quem está em processo de maturação é de serenidade – embora possam sobrevir crises, comuns a quem ainda está a caminho. O que está em movimento, porém, é o espírito, sempre querendo aprender mais, compreender melhor e amar com maiores doses de abnegação. O espírito que se educa, modifica-se a cada

momento, porque está sempre acrescentando experiência e conhecimento, conjugando esforço e atividade.

Pode-se ver claramente que o amor pedagógico, no campo específico da educação escolar, não pode se acomodar com escolas, onde tudo esteja já pré-estabelecido, pré-esquematizado, prescrito a priori, e que se entrega a uma rotina sempre igual, entra ano, sai ano, sem consideração pelos impulsos evolutivos de educadores e educandos, sem oferecer o menor espaço ao desenvolvimento espiritual e mesmo intelectual dos que participam da comunidade escolar.

A escola, que deveria ser um campo de florescimento do espírito, torna-se, ao invés, um cemitério de potencialidades, um arquivo morto de dados, transmitidos sempre da mesma forma, um espinheiro para a criatividade e um local onde se abafa toda a vivacidade da alma.

A escola, vivificada pelo amor pedagógico, a cada ano, a cada mês, a cada dia, em cada classe, para cada individualidade, deve ser diferente... Sempre inovando, sempre recriando, sempre em contato com o impulso evolutivo do ser, impulso esse ainda mais renovado nas crianças, espíritos que voltam ao mundo estimulados para novas oportunidades de elevação!

Será maravilhoso o dia em que as escolas deixarem de ser esses recantos tristes em que crianças sentadas e passivas, a contragosto, são adestradas diariamente através de conceitos e fórmulas, e se transformarem em viveiros espirituais, em que crianças alegres, estimuladas, produzam, pesquisem, se desenvolvam, partilhando com os mestres um ideal de permanente progresso. Pois se a lei mais alta do universo é a lei da evolução e se cada um é responsável por sua própria trajetória evolutiva, então o que principalmente o amor pedagógico é capaz de transmitir é o impulso de se aproximar do Criador.

“Sede perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito” - disse Jesus. E se Ele, Mestre dos mestres, através do seu amor pedagógico, tem sabido movimentar o ela evolutivo da humanidade, na busca do Pai, então nós – pequenos educadores de nós próprios e do próximo – precisamos pelo menos acender uma centelha!

Pestalozzi 12/1/91

(Transcrito da obra: “A Educação Segundo o Espiritismo”, editado pela Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1997, 1ª Edição.)

PRECE DO EDUCADOR

Dora Incontri

Senhor,

Que eu possa me debruçar sobre cada criança e sobre cada jovem, com a reverência que deve animar minha alma diante do toda criatura tua!

Que eu respeite em cada se humano de que me aproximar, o sagrado direito de ele próprio construir seu ser e escolher seu pensar!

Que eu não deseje me apoderar do espírito de ninguém, imprimindo-lhe meus caprichos e meus desejos pessoais, nem exigindo qualquer recompensa por aquilo que devo dar de alma para alma!

Que eu saiba acender o impulso do progresso, encontrando o fio condutor de desenvolvimento de cada um, dando-lhes o que eles já possuem e não sabem, fazendo-os surpreenderem-se consigo mesmos!

Que eu me impregne de infinita paciência, de inquebrantável perseverança e de suprema força interior para me manter sempre sob o meu próprio domínio, sem deixar flutuar meu espírito ao sabor das circunstâncias! Mas que minha segurança não seja dogmatismo e inflexibilidade e que minha serenidade não seja mormaço espiritual!

Que eu passe por todos, sem nenhuma arrogância e sem pretensão à verdade absoluta, mas que deixe em cada um, uma marca inesquecível, por ter transmitido alguma centelha de verdade e todo o meu amor!

(Transcrito da obra: "A Educação Segundo o Espiritismo", editado pela Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1997, 1ª Edição.)

REQUISITOS DO EDUCADOR

Dora Incontri

O princípio, o meio e o fim da Educação é o ser humano. Por isso, o foco principal de qualquer estudo pedagógico deve recair sobre o educador, o educando e a relação entre eles. Se o educador estiver compenetrado de sua missão, se o relacionamento estabelecido com o educando é baseado no amor, na confiança e nos elevados objetivos da evolução humana, então todo o resto se torna secundário. E ao invés, os melhores planos didáticos das escolas, os mais avançados métodos e materiais pedagógicos resultam em fracasso se houver seres humanos habilitados para educar.

A capacidade para educar, entretanto, está muito além dos conhecimentos técnicos adquiridos num curso de Pedagogia. Ser educador é muito mais do que ser professor. Para ser educador, não basta conhecer teorias, aplicar metodologias, é preciso predisposição interna, uma compreensão mais ampla da vida, um esforço sincero em promover a própria auto-educação, pois o educador verdadeiro é aquele que, antes de falar, exemplifica; antes de teorizar, sente e antes de ser um profissional é um ser humano.

Como já ficou dito, qualquer pessoa, em qualquer relacionamento humano, pode se tornar um educador. E bom seria se cada um se empenhasse em colaborar com a evolução do próximo, ensinando o que sabe, partilhando as suas conquistas espirituais e sacrificando-se pelo progresso da humanidade. Entretanto, detenhamo-nos naqueles que têm uma tarefa específica no campo da Educação: pais e professores.

Como prepará-los para cumprirem sua missão? Os profissionais da Educação, bem ou mal, fazem uma especialização no assunto; os pais, em sua maioria, jamais estudaram algo a respeito. A maior parte nem sequer se compenetra da necessidade de refletir sobre essa tarefa sagrada que Deus lhe coloca nas mãos: a de educar uma criança. E, no entanto, a responsabilidade dessa missão é vital. Dela depende o futuro da humanidade, dele depende em grande parte a realização e a felicidade das novas gerações, e diante da Providência Divina pais e professores não escaparão de prestar contas de sua obra educativa. O fracasso no cumprimento dessa

tarefa acarreta conseqüências dolorosas tanto nessa vida como em outras.

Escolas, cursos, debates, livros, tudo é bom e útil para estimular o progresso da Educação. Há mesmo necessidade premente de uma escola de pais. Mas acima de tudo, seria desejável que cada um se preparasse a si mesmo, para estar à altura da tarefa em vista.

Analisemos, pois, em primeiro lugar, os requisitos básicos para assumir alguma tarefa na Educação, seja como pai, como mãe, como professor.

(Transcrito da obra: “A Educação Segundo o Espiritismo”, editado pela Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1997, 1ª Edição.)

SE
(de Rudyard Kipling)
(adaptado aos educadores espíritas)

AOS EDUCADORES ESPÍRITAS

NEY LOBO

- SE SOIS CAPAZES de sublimar a vossa profissão de educar em missão espiritual sob a égide divina, à luz da eternidade e sob o pátio da Doutrina Espírita;
- SE SOIS CAPAZES de cultivar e aprimorar continuamente e sem desfalecimento a vossa invencível e valente vocação pedagógica espírita;
- SE SOIS CAPAZES de sempre considerar os vossos educandos como seres espirituais reencarnados no Plano Terreno, submetidos a árduas provas de resgate do passado;
- SE SOIS CAPAZES de extrair dessa consideração todas as conseqüências pedagógicas transcendentais que ela determina, quanto ao método, currículo, disciplina e fins educativos espíritas;
- SE SOIS CAPAZES de amar incondicionalmente as crianças como crianças, os adolescentes como adolescentes e os jovens como jovens a vosso cargo e responsabilidade;
- SE SOIS CAPAZES de vibrar, de se entusiasmar, com o encanto inefável da Educação Espírita, e de levar o

respectivo pregão aonde fordes, no afã educativo de aperfeiçoamento das almas;

- SE SOIS CAPAZES de esperar sempre pelos resultados formativos dos espíritos em edificação, sem perder jamais a esperança deles;
- SE SOIS CAPAZES de motivar os vossos educandos a desenvolverem, eles mesmos, de dentro para fora, toda a sua riquíssima potencialidade espiritual, conduzindo, eles, assim, os seus “tesouros aos céus”;
- SE SOIS CAPAZES de encaminhar os vossos pupilos ao “status” futuro e eminentíssimo, venerável mesmo, de aristocratas intelecto-morais;
- SE SOIS CAPAZES de descortinar e rasgar novos horizontes, mais largos, à Educação Espírita, ultrapassando os limites e os tempos terrenos;
- SE SOIS CAPAZES de manter sempre viva a certeza moral e absoluta de estar obtendo bons resultados do vosso esforço pedagógico, ainda que invisíveis e submersos no âmago do espírito dos educandos, mas visíveis e emersos no devido tempo;
- SE SOIS CAPAZES de manter sempre viva a vossa paciência, não se impacientando jamais com os educandos; contudo, sublimando a vossa pertinácia em denodo edificante, sem naufragar na leniência condenável;
- SE SOIS CAPAZES de sempre estimular com sucesso os discípulos desanimados, sem nunca desanimar de vossa

missão pedagógica e espiritual, a cujo fascínio não deveis resistir;

- SE SOIS CAPAZES de suportar a franqueza às vezes rude deles, corrigindo-os, sem serdes nunca rudes com eles, mas cativando-os pelo afeto;
- SE SOIS CAPAZES de absorver as irreverências costumeiras das crianças, adolescentes e jovens, compreendendo-as; todavia, em tempo algum sendo irreverentes com eles;
- SE SOIS CAPAZES de não sucumbir ao impulso errôneo e deseducativo de castigar vossos educandos, porém corrigindo-os pela reparação das faltas, e subtraindo-se à vontade viciosa de premia-los pelo simples cumprimento do dever.
- ENTÃO SEREIS, MEUS FILHOS, VERDADEIROS EDUCADORES ESPÍRITAS, SOBRANCEIROS E LAUREADOS PELO TRIUNFO PEDAGÓGICO E, COMO TAIS, CONSTRUTORES DE ALMAS IMORTAIS.

POSFÁCIO

Ney Lobo

O nosso pensamento não finaliza com um ponto final (.), como se o tema estivesse concluído. Nem com um ponto de admiração (!), pois este trabalho foi apenas laborioso e paciente, e não admirável. Encerra-se, antes, com uma interrogação (?), ou indicação de reticências (...). Interrogação, porque deixa mais problemas levantados do que solucionados. Ampliando esta obra um pouco mais a esfera do conhecimento educacional espírita, multiplicou, por isso mesmo o número de contatos com o desconhecido nessa área, segundo a imagem geométrica de PASCAL¹⁸⁶. Reticências, pela suspensão do juízo que se não consumou, que requer muita reflexão, muitas pesquisas no campo da Pedagogia Experimental Espírita.

Mobilizem-se inteligências agudas e sagazes; mestres espíritas mais atilados e percucientes para esse encargo que ultrapassa o nosso potencial laborativo. Estendamos aos demais o privilégio de rebuscarem nos domínios da educação espírita. A busca deve continuar...

Encaminhamos, devidamente canalizados, os resultados de nosso trabalho aos estratos pensantes e superiores da inteligência espírita. Já os considerados como eleitos e chamados pelo espírito mais profundo do tempo, sem mais delongas, à tarefa que lhes cabe, porque, de nossa parte, podemos repetir com o Pe. ANTÔNIO VIEIRA: “Fizemos mais do que podíamos e menos do que devíamos”, e, mesmo que tivéssemos cumprido com tudo que devíamos, “quem fez o que devia, é porque devia o que fez”.

Se esta obra motivar alguém e injetar ânimo em um só que seja mais capacitado do que nós, para o resolutivo esforço de desenvolver pesquisas teóricas e cautelosas experiências neste campo, já nos dariamos por bastante gratificados.

186. “O conhecimento é como uma esfera que se vai dilatando, e , assim, multiplicando os seus pontos de contacto com o desconhecido.”

Mas, o apelo vai mais além. Endereça-se aos bons sentimentos daqueles a quem Deus contemplou com maiores recursos materiais. Que os mecenas espíritas amparem a constituição de uma entidade escolar piloto, experimental, aproximada do modelo estrutural apresentado nesta obra. Empresa mantenedora ou fundação, mesmo que assim fosse. Essa escola, colocada no horizonte da educação futura, seria, ao mesmo tempo, laboratório de experiências educacionais, respeitadas as limitações éticas envolvidas, e um centro de irradiação da cultura pedagógica na direção da comunidade-escola espírita do provir.

Aos espíritas mais capacitados intelectual e profissionalmente, e aos mais aquinhoados economicamente, disparamos uma salva de apelos no sentido de uma iniciativa pedagógica espírita de ponta¹⁸⁷.

Segundo PAUL MONROE¹⁸⁸, a educação se desenvolveu, através dos séculos, segundo diferentes tendências. Religiosa, na Idade Média; humanista, na Renascença, realista, nos séculos XVI e XVII; naturalista, no século XVIII, psicológica, nos séculos XVIII e XIX, científica, no século XIX, até a tendência eclética de hoje com determinantes econômicos, industriais e sociais.

A aceitação e positivação dos princípios da Educação Espírita poderão representar a inauguração de mais uma tendência: a tendência espiritual¹⁸⁹.

Estamos no segundo século da Terceira Revelação. Esse estágio já clama por uma idéia de educação mais formal e sistemática e pelo aproveitamento da notável força pedagógica natural do Espiritismo. Lamentavelmente, dois aspectos da Doutrina, o científico e o filosófico, não se encontram, neste segundo século, no mesmo nível de desenvolvimento do fator religioso.

187. “No século em que estamos e tendo-se em vista o estado dos nossos costumes, os recursos financeiros são o grande motor de todas as coisas, quando empregados com discernimento” (ALLAN KARDEC, “Obras Póstumas”, 62, § 5, final).

188. “História da Educação” - Companhia Editora Nacional (São Paulo).

189. “O Espiritismo se apresenta na ordem geral das concepções humanas como o último elo da cadeia de sistemas educacionais da evolução terrena” (trecho extraído da tese apresentada pelo Prof. HERCULANO PIRES no III Congresso Educacional Espírita Paulista - 1970).

Cientificamente, não apanhamos o seu trem tecnológico. Deixamo-lo que se fosse. Filosoficamente, não foram desenvolvidos os ricos princípios enviscerados no “Livro dos Espíritos”, salvo algumas heróicas e mui valiosas contribuições. É a inapetência dos espíritas do Brasil para os conhecimentos filosóficos e científicos, confinados à dita mística (ou mistificada) a que se deixaram reduzir. Daí a dificuldade e os árduos pioneiros caminhos a serem percorridos pelas incipientes Pedagogia e Psicologia Espíritas de Educação. Até agora, pudemos viver sem elas, “mas não podemos nos dispensar da esperança delas...”(R.ARON.)

•

O nosso papel e desempenho neste trabalho foi o de simples porteiro. Plantado na soleira do palácio, tentamos abrir os portais de esplendorosa mansão a ser adentrada e habitada, no futuro, por quantas inteligências e bem formados corações que se disponham a mobiliá-la de magníficos estudos e monumentos pedagógicos. Qual renascente transfiguração do Partenão de Atenas, a opulenta mansão da EDUCAÇÃO ESPÍRITA será a hospedeira de magistras espíritos de escol. Os lindes exteriores de domínio dessa catedral pedagógica perdem-se além de todos os horizontes imagináveis, difíceis de verbalizar; que nem a mis fértil fantasia poderia limitar. Suas amplas janelas abrem-se para maravilhosas avenidas, que se estendem até o mundo celestial das ultimidades espirituais, em cuja grimpada se assentam os pedestais destinados a receber as almas integralmente educadas: os puros Espíritos.

•

Na consciência crítica do frêmito das idéias expostas, na frágua e ardência de insopitáveis emoções, no clangor do chamamento ao dever e no descanso da consciência doutrinária, elevamos o pregão da Educação Espírita. Acreditamo-nos autorizados a reconhecer que, para isso, procedemos à vasta e cautelosa investigação que culminou num Projeto Pedagógico Espírita. Guardamos tranqüila convicção de que, apesar de ter sido desatada uma avalanche de idéias, ativemo-nos às linhas de crédito doutrinário, envolvidos no seu halo protetor e inspirador, e, por cujo montante ideológico nos consideramos tutelados. Mas o campo é ainda muito mais vasto do que o esquadramento realizado, mas frondeja-lhe a copa de sublime e esperançosa

possibilidade futura. Que se transforme em probabilidade e quiçá realidade para não agravar a nossa responsabilidade. Produto da engenharia doutrinária espírita, a obra é concreta e voltada para a ação, destinada a ativar e mover correntes submersas no íntimo do perispírito de tantos estudiosos paladinos espíritas que estão para surgir e manifestar-se com comedimento neste esplendente domínio. Acendam-se, pois, as almenaras aos viajores que aproximam e não se empalidecerão diante da ingente e grandiosa missão. Rogamos a Deus que o encadeamento moral e profissional da presente obra com outras futuras de mais valia, realce, acolhimento e prestância, não seja sobrestado pelo comodismo ou deserção, mas assegurado por enérgica determinação de ordem intelectual e espiritual de futuros obreiros que se intitularão ao trabalho e aos seus promissores e divinos resultados, e não sem prêmio e hora.

Podem alguns capitular o presente trabalho de utopia. Aceitamos. Mas será uma utopia racional, e, mais do que isso, funcional, além de não alienada, mas engajada na realidade. Seria uma utopia “cum fundamento in re”. Apesar disso, pode tornar-se vulnerável e, por isso, alvejada pelos antagonismos dos preconceitos pedagógicos, filosóficos e religiosos. Mas, principalmente, pela histeria antipalingenética¹⁹⁰ de “mauvaises consciences” que reduzem sua visão ao horizonte puramente terrestre da existência. Daí, a oportunidade, nesta linha de pensamento, da advertência de RAYMOND ARON: “Nós perdemos o gosto da profecia, mas não esqueçamos o dever da esperança.” Aguardamos, por isso, o renascimento pedagógico sob as luzes da Filosofia Espírita da Educação...em querendo Deus¹⁹¹.

190. “A reencarnação causará um impacto na Pedagogia. Poderemos compara-lo ao impacto causado pela Psicologia Moderna e particularmente pela Psicanálise. Se não for maior [...]. Os pedagogos encontrarão novos filões para a sua exploração da natureza humana”.[...]. “Sim, conheço KARDEC e sua doutrina de reencarnação. Acho que cabe ao Brasil, hoje impregnado do pensamento de KARDEC, uma grande missão no campo educacional.” (de uma entrevista de HAMENDRAS NAT BARNEJEE em São Paulo com o Professor HERCULANO PIRES – in revista “Educação Espírita” – nº 2 – EDICEL Editora – São Paulo – p. 71).

191. “O Espiritismo se apresenta na ordem geral das concepções humanas como último elo na cadeia de concepções de sistemas educacionais da evolução terrena”. (tese do III Congresso Educacional Espírita Paulista-In Revista “Educação Espírita” - nº: 1.)

O enfoque completo de todos os lances do ulterior desenvolvimento da Educação Espírita nos escapa; é-nos inapreensível no atual estágio evolutivo da Humanidade pela insipiência das pedagogias convencionais vigentes e pelo subdesenvolvimento da Cultura Espírita¹⁹². Mas, mantemos a outorga à atual geração, e às futuras, do múnus eminentíssimo, embora não iminente, da corporificação de uma Nova Educação – a Espiritual.

É possível que alguns se precipitem e contestem que incontável número de seres espirituais alcançaram desde a eternidade a condição final de puros Espíritos¹⁹³, sem nenhum concurso da Filosofia da Educação e Pedagogia Espíritas inexistentes até agora na Terra. Mas, perguntamos, não teriam se valido delas nos mundos de regeneração e nos mundos superiores? É presumível e sugestivo que aquilo que estamos tateando e ensaiando na Terra já constituía sólida arquitetura pedagógica em plena realidade nesses mundos, e que terá concorrido para elevar os Espíritos àquela condição de perfeição relativa.

Os nossos tentes neste planeta poder ser considerados como procelárias anunciando a boa e sadia tempestade pedagógica que se avizinha; presságios de lutas, canseiras e sacrifícios por um alcandorado ideal: a formação espiritual da humanidade.

Convidamos à reflexão: qual então o papel, a utilidade imediata da Pedagogia Espírita? Abreviar a rota? Acelerar o processo evolutivo? Acreditamos que será o de criar condições mais positivas e orgânicas de progresso, mais ordenadas diretamente à mola real do nosso desenvolvimento: o Espírito. Quando os atuais processos empíricos e convencionais de educar tornarem evidente a sua relativa inocuidade, num futuro ainda imprevisível, então a Educação Espírita deixará de ser mera referência no catálogo das intenções sem conseqüências.

192. “Não, nada de passado; a nós o futuro; nova autora se ergue e é para lá que tendem as nossas aspirações”. (OP – p.316, § 3, final.)

193. Vide (GE – XI, 9 §§ 1 e 2).

Para isso, cumpre, desde já, deflagrarmos o arrebol do pensamento pedagógico espírita, sacudindo a alma dos espíritas, antes que nos atoplem os protestos da História e sejamos chamados à barra de julgamento dó seu cobrador implacável para vestirmos a alva dos padecentes e subirmos à ara dos sacrifícios inócuos. É deflagrar desde já, porque esse novo pensamento pedagógico sofrerá profundas metamorfoses no desdobramento das idéias, no suceder dos tempos até irromper no campo das realidades e possibilidades plenas. Por derradeiro, rasguemos e dissipemos as espessas trevas da timidez e comodismo daqueles adormecidos nas esquinas do tempo, como também da ignorância e do dogmatismo pedagógico vigentes, para podermos descortinar o horizonte da educação espiritual em radiante alvorada.

(Transcrito da obra: “Filosofia Espírita da Educação” 5º Volume, editado pela Federação Espírita Brasileira, 1999, 1ª Edição.)

A oração da mestra

Senhor! Tu que ensinaste, perdoa que eu ensine; que leve o nome de mestra, que Tu levaste pela Terra.

Dá-me o amor único de minha escola; que nem a queimadura da beleza seja capaz de roubar-lhe minha ternura de todos os instantes.

Mestre, faz-me perdurável o fervor e passageiro o desencanto. Arranca de mim este impuro desejo de justiça que ainda me perturba, a mesquinha insinuação de protesto que sobe de mim quando me ferem. Não me doa a incompreensão nem me entristeça o esquecimento das que ensine.

Dá-me o ser mais mãe que as mães, para poder amar e defender como elas o que não é carne de minha carne. Dá-me que alcance a fazer de uma de minhas crianças meu verso perfeito e a deixar-lhe cravada minha mais penetrante melodia, para quando meus lábios não cantem mais.

Mostra-me possível teu Evangelho em meu tempo, para que não renuncie à batalha de cada dia e de cada hora por ele.

Põe em minha escola democrática o resplendor que se discernia sobre tua roda de meninos descalços.

Faz-me forte, ainda em meu desvalimento de mulher, e de mulher pobre; faz-me desprezadora de todo poder que não seja puro, de toda pressão que não seja a de tua vontade ardente sobre minha vida.

Título Original - Oración a la maestra
Autor: Gabriela Mistral
Tradução: Maria Teresa Almeida Pina

TESTAMENTO PEDAGÓGICO

NEY LOBO

“EU TIVE UM SONHO...!”

ASSIM INICIOU, MARTIN LUTHER KING,
O SEU MEMORÁVEL DISCURSO
A UM MILHÃO DE OPRIMIDOS PELA DISCRIMINAÇÃO
RACIAL,
NA CIDADE DE WASHINGTON.

ERA AQUELE INFATIGÁVEL PALADINO DA DESOBEDIÊNCIA
CIVIL,
NÃO VIOLENTA, AO RACISMO.

ERA O APÓSTOLO DOS DIREITOS CIVIS DOS NEGROS
AMERICANOS,
PRÊMIO NOBEL, DA PAZ DE 1964.

E LUTHER NARRAVA O SONHO QUE TEVE:

A CONFRATERNIZAÇÃO DE TODAS AS RAÇAS.

A CONVIVÊNCIA FRATERNA E PACÍFICA DE BRANCOS COM
NEGROS:
NAS FÁBRICAS, NO SERVIÇO PÚBLICO, NOS TEMPLOS, NAS
ESCOLAS,
EM QUALQUER LUGAR.

CRIANÇAS BRANCAS E NEGRAS BRINCANDO JUNTAS.

TRABALHADORES BRANCOS E NEGROS COMPANHEIROS E
AMIGOS,

ESTE SONHO DE LUTHER KING ESTÁ SE REALIZANDO,

COMO TODOS OS SONHOS INSPIRADOS POR DEUS.

EU TAMBÉM TENHO UM SONHO

UM BELO SONHO!
SONHO COM EDUCAÇÃO.
SONHO COM EDUCAÇÃO ESPÍRITA.
SONHO COM ESCOLAS ESPÍRITAS.

E NESSE SONHO QUE TEU TENHO, O QUE É QUE VEJO?
VEJO ESPÍRITOS DESENCARNADOS EM PROCESSO
TERMINAL
E IMINENTE DE REENCARNAÇÃO.

EM ANGUSTIADA PROCURA, JÁ NO PLANO TERRENO,
AQUI E ALI – ALI E AQUI,

NA BUSCA DE COMUNIDADES ONDE POSSAM NELAS, MAIS
TARDE,
FREQUENTAR ESCOLAS ESPÍRITAS.

PARA NELAS SEREM EDUCADOS NO DESENVOLVIMENTO
DE SUA ESPIRITUALIDADE.

VEJO TAMBÉM UMA LUZ MUI CINTILANTE
IRRADIADO DO ALTO DO PLANALTO CENTRAL DO BRASIL.

E DESSE ANTIPLANO CENTRAL, DELE DESCENDO,
GRUPOS DE JOVENS ESPÍRITOS JÁ ENCARNADOS.

QUE PARTEM DESSE CENTRO
ANIMADOS, ALEGRES E ENTUSIASMADOS,
PARAMENTADOS DE BECA E CAPELO,
EMPUNHANDO DIPLOMAS.
E TOMAM, ESSES JOVENS DIPLOMADOS,
VÁRIOS RUMOS,
UNS PARA O NORTE – OUTROS PARA O SUL

OUTROS PARA LÊS E PARA OESTE.

DEPOIS
IDENTIFICO AQUELE LUGAR DE ONDE PARTEM AQUELES
JOVENS.

É UMA CIDADE SATÉLITE DA CAPITAL FEDERAL DO
BRASIL!

É O PONTO DE ONDE AQUELA LUZ IRRADIA
É UMA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES
ESPÍRITAS.

E AQUELES JOVENS VIAJORES, QUAIS CAVALEIROS
ANDANTES,
SÃO AS OPIMAS PRIMÍCIAS, OS PRIMEIROS FRUTOS,
DAQUELA ESCOLA DE FORMAÇÃO
DE EDUCADORES ESPÍRITAS.

QUE DEMANDAM AQUELES DIVERGENTES ROTEIROS,
NA PROCURA DAS ESCOLAS ESPÍRITAS ONDE POSSAM
EXERCER
O SEU NOBILÍSSIMO MÚNUS EDUCATIVO.
E O SONHO QUE EU TENHO CONTINUA...

O QUE MAIS QUE EU VEJO EM OUTRAS PLAGAS NO SONHO
QUE TENHO?
VEJO EM DETERMINADA CIDADE
CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE VARIADAS RELIGIÕES EM
RECREIO.
ESPÍRITAS E NÃO-ESPÍRITAS.

BRINCANDO JUNTAS, RISONHAS, ALEGRES, RADIANTES,
EM TUMULTUADA ALACRIDADE,
NO PÁTIO DE UMA ESCOLA ESPÍRITA.

VEJO AINDA,
NESTA MESMA ESCOLA, SOB O DOSSEL DE FRONDOSO
BOSQUE
DE MACIA E VERDEJANTE RELVA FORRADO,
UM GRUPO DE ADOLESCENTES, MEDITATIVOS,

SENTADOS, DISPOSTOS EM CÍRCULO EM TORNO DE UM
JOVEM MESTRE
QUE COM ELES DIALOGA
SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ESPIRITUALIDADE.

VEJO AINDA MAIS,
PERCORRENDO OUTROS RECANTOS DA ESCOLA,
UM FORMOSO JARDIM
TÃO FLORIDO E PERFUMADO.

E NELE,
EMBAIXO DE UMA PÉRGULA AMÁVEL,
TRESPASSADA POR ENRODILHADAS TREPADERAS
FLORIDAS,
UMA CLASSE DE JOVENS FELIZES, GRAVES E ATENTOS,
QUE PARTICIPATIVOS TROCAM IDÉIAS COM O SEU
MESTRE.

E QUAL O TEMA DAQUELE ENCONTRO?
É O MELHOR PROCESSO DE DESPERTAR O SENTIMENTO
PRÓPRIO
EM RELAÇÃO AO PRÓXIMO NECESSITADO.

MAIS ADIANTE,
SONHO QUE ENCONTRO EM OUTRO RECANTO DESSA
ESCOLA
UMA FONTE DE ÁGUAS CRISTALINAS
E, AO LADO DELA,
OUTRO GRUPO DE JOVENS EDUCANDOS DEBATENDO
SOBRE PROFUNDO TEMA DISCIPLINAR.

E O PONTO QUE DISCUTEM
ERA SOBRE O SEU COMPORTAMENTO ESCOLAR,
DOMÉSTICO E SOCIAL, TENDO POR ORIENTAÇÃO
O PRINCÍPIO DA REPARAÇÃO DAS PRÓPRIAS FALTAS E
AGRAVOS
COMETIDOS.

ENFIM, A REPARAÇÃO COMO LEI DE REABILITAÇÃO MORAL
DOS
ESPÍRITOS.

EU TENHO UM SONHO...!

E ESSE É O SONHO QUE EU TENHO.

ROGO QUE NINGUÉM ME ACORDE
DESSE MARAVILHOSO SONHO!

A NÃO SER, QUANDO AS PRIMEIRAS ESCOLAS ESPÍRITAS,
E VERDADEIRAMENTE ESPÍRITAS,
IMPREGNADAS FIELMENTE DOS PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS,
DO ENCANTO DA EDUCAÇÃO ESPÍRITA,
METÓDICA, PEDAGÓGICA E DIDATICAMENTE ESPÍRITAS,
COMEÇARAM APONTILHAR
POR TODA A PARTE DESTE IMENSO TERRITÓRIO
DO NOSSO QUERIDO BRASIL
EM QUERENDO DEUS!

ANTES DISSO,
NÃO ME ACORDE!
NÃO ME ACORDEM DESSE SONHO QUE EU TENHO!

(Transcrito da obra: “Prática da Escola Espírita: A Escola que Educa”, editado pela Editora Auta de Souza, 2003, não constando a edição.)



Crianças assistidas pela Pedagogia da Espiritualidade (Professor Ney Lobo) na Casa do Caminho na cidade de Almirante Tamandaré (região metropolitana de Curitiba/PR).



Crianças da Casa do Caminho após a Leitura do Poema em Homenagem a Ney Lobo “Uma Nova Educação”, de autoria da Professora Dora Incontri para o evento realizado pela AEEPR em 30/10/2004